

RESENHA DE TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

IZABELLA DE OLIVEIRA RODRIGUES

RESENHA: VIEIRA JUNIOR, ITAMAR. TORTO ARADO. SÃO PAULO: TODAVIA, 2019. 262 P.

Guardada sigilosamente numa antiga mala sob a cama, uma faca com cabo de marfim dá início à história narrada pelas enunciativas de *Torto Arado*, as irmãs Bibiana e Belonísia; e a encantada Santa Rita Pescadeira, na Fazenda Água Negra, localizada no interior do Estado da Bahia. Escrito pelo geógrafo e escritor Itamar Vieira Junior, doutor em estudos étnicos e africanos pela Universidade Federal da Bahia, esse romance brasileiro foi agraciado, em 2020, pelo Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria romance literário. Sob a alcunha de um importante objeto técnico para a agricultura de base familiar, o arado; o autor convida-nos à contraditória realidade socioespacial do Brasil rural através do cotidiano de mulheres *encarnadas* e *encantadas*, marcado por relações de dominação e resistência aos processos sociais de luta pela terra, de colonização cristã monoteísta e de patriarcalismo.

A história das irmãs Bibiana e Belonísia, filhas do curador espiritual Zeca Chapéu Grande e da parteira Salustiana Nicolau, encontra seu lugar na Fazenda Água Negra, terra herdada de sesmarias, localizada entre os rios Utinga e Santo Antônio, na região da Chapada Velha no maciço rochoso sedimentar da Chapada Diamantina, na Bahia. A região fora ocupada por populações de origens diversas advindas de Minas Gerais, do Recôncavo Baiano, da África, dentre outras, motivadas pela mineração de diamantes.

Sendo assim, *Torto Arado* lança luz à reprodução da vida de comunidades violentadas pela estrutura agrária nos rincões de um país marcado pela escravidão, pela expropriação da terra e pela concentração fundiária - situações que revelam a permanência das heranças do período colonial. Entretanto, as personagens adotam posicionamentos de insubordinação social traduzidos por suas narrativas contra-hegemônicas, quando elas relatam suas vidas na fazenda e as dinâmicas do lugar - repletas de belezas e tristezas, cheias e estiagens, tambores e silêncios. Nesse sentido, o romance estrutura-se em três grandes partes: (i) Fio de corte; (ii) Torto arado e; (iii) Rio de Sangue, narrados por, respectivamente, Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira.

O romance de Vieira Junior provoca a ampliação de sujeitos discursivos na medida em que incorpora, enquanto enunciadoras, mulheres negras e quilombolas - grupo social vitimado por um silenciamento socio-histórico oriundo da estruturação racista, patriarcal e misógina da sociedade brasileira. Tal decisão do autor nos presenteia com uma complexidade de detalhes sobre as vidas públicas e domésticas das mulheres no campo, as opressões por elas sofridas e as possíveis formas de resistência. Entre buritizeiros e jatobás, a vida de luta e de sonhos das mulheres rurais é descrita com sensibilidade em relação às questões coletivas, sociais e também intimistas.

Em Fio de corte, Bibiana nos insere no corpo de relações sociais e familiares que tocam o período entre a infância e a adolescência das principais narradoras. Um importante elemento trazido pela personagem é o potencial transformador da educação para a mobilidade social, sobretudo a partir das conversas com o primo Severo, quando passa a observar que “nunca havia conhecido ninguém que me dissesse ser possível uma vida além da fazenda” (p. 72).

É destacada também a beleza das noites de jarê sob a liderança de seu pai, o curador espiritual Zeca Chapéu Grande - sendo esta uma prática religiosa de matriz africana existente na Chapada Diamantina, marcada pela presença de elementos

afro-indígenas em sua composição e que tem origem no período de uso e ocupação da região pela atividade mineradora. A trama transita entre personagens encarnados e entidades denominadas *encantados*, que se incorporam ao povo de Água Negra nas noites das reuniões festivas de jarê - através destas, ganham voz e movimento em meio às cantigas e aos atabaques. Os partos eram realizados pelas mãos da avó Donana, que “tinha as mãos pequenas, capazes de virar a criança no ventre de um lado a outro” (p. 56) e por sua filha, Salustiana. Tais elementos da narrativa apontam a complexidade e o uso de conhecimentos e práticas tradicionais no cotidiano dos personagens, no que diz respeito aos partos e às rezas; às plantas medicinais; aos chás; e aos xaropes e emplastros. Além disso, esses elementos demonstram o sincretismo entre religiões de matriz africana e o cristianismo.

Em relação aos trabalhadores rurais da fazenda Água Negra, estes resistiram às mazelas da formação territorial do Brasil através do plantio de suas roças, mesmo em meio aos longos períodos de estiagem. Para os trabalhadores, a terra corresponde à possibilidade de reproduzir suas vidas e culturas; enquanto para o dono da fazenda, o valor da terra está associado à rentabilidade da área de cultivos agrícolas. Assim, esses personagens refletem a histórica trajetória de lutas da população quilombola em torno do direito à terra. Nesse sentido, o seguinte trecho evidencia a contraditória relação estabelecida entre os trabalhadores e o dono da fazenda em torno do uso da terra,

Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada (...). Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato (p. 41).

Já em Torto Arado, Belonísia explora a vida adulta das principais personagens - a partir do silêncio deflagrado por

sua mudez - e sobre a dedicação à terra que com tanto afinco cultivou. Belonísia expõe essa questão na seguinte fala: “trabalhar a terra tinha desses sentimentos bons de amansar o peito, de serenar os pensamentos ruins que me cercavam” (p. 121). A segunda narradora distingue-se substancialmente da primeira, na medida em que afirma que, “diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti” (p. 97). Aqui, o segmento do romance narrado por Belonísia destaca, entre outras questões, a forma como as relações desiguais de gênero expressam-se no casamento através de práticas cotidianas de violência. Contudo, a personagem posiciona-se determinadamente frente à relação marital com Tobias ao apontar que

Somente uma vez tinha ameaçado me bater, quando me fez procurar uma calça puída que tinha costurado dias antes para que vestisse. Gritou com seu jeito grosseiro, e eu, me sentindo ofendida, não arredei o pé da cadeira onde costurava uma toalha. Ele levantou a mão como se fosse dar um tapa, mas a susteve no ar quando interrompi sua costura para mirar com olhos ferozes os seus olhos (p. 135).

Uma das formas de sobrevivência ao cotidiano extenuante de violências materiais e simbólicas apresentadas pela personagem é o trabalho sobre a terra do quintal de seu casebre, prática em que encontra e constrói sua identidade, à medida que cresce sua afeição pelas plantas. Nessa perspectiva, a obra evidencia a importância da terra para as mulheres que, enquanto seus maridos encarregam-se da monocultura, trabalham a roça no entorno de suas casas de barro para o plantio de espécies voltadas ao autoconsumo da família - como feijão, quiabo, abóbora, batata e aipim. “Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrer de fome” (p. 220), como narra Santa Rita Pescadeira. O seguinte depoimento de Belonísia evidencia a centralidade que adquire o trabalho na terra em sua vida:

Não tinha descendentes para alimentar, mas fiz questão de trabalhar com mais força e vigor do que muitos homens que ali viviam (...). Bati saco de milho, fiz muitos sacos de farinha, labutei dia a dia na roça que crescia verde. Se o sol fosse inclemente e matasse a plantação, deixando um rastro de cultivo mirrado e queimado, ou se os rios se enchessem e a água comesse o que não deu tempo de colher, dava meu dia de trabalho onde precisassem dele (p. 141).

Por fim, em Rio de Sangue, a narrativa é desenvolvida pela terceira e última narradora - a encantada Santa Rita Pescadeira, personagem e entidade secular que vive em busca de corpos que possam incorporá-la desde a morte de seu cavalo. Santa Rita remonta à complexidade das relações sociais pós-abolicionistas quando afirma que “os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles” e que, portanto, “foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores rurais e moradores” (p. 204). A narradora é integrante e testemunha de relações sociais estruturadas pela violência escravagista, sobre as quais afirma que

Vi tanta crueldade ao longo do tempo, e mesmo calejada me comovo ao ver homens derramando sangue para destruir sonhos. Vi senhores enforcarem seus escravos como castigo. Cortarem suas mãos no garimpo por roubarem um diamante. Acudi uma mulher que incendiou o próprio corpo por não querer ser mais cativa de seu senhor. Mulheres que retiravam seus filhos ainda no ventre para que não nascessem escravos (p. 207).

A narradora nos conduz às lutas das populações quilombolas por justiça e liberdade a partir de seu lugar discursivo encarnado através de outros corpos e, também, enquanto parte de um grupo social preponderantemente silenciado. A história da colonização brasileira e de seus pactos territoriais atravessam as narradoras na medida em que o encadeamento de suas histórias de vida é

marcado por insubordinações e resistências às violências sofridas por elas e pelos personagens do romance de forma geral, tendo em vista que correspondem a um grupo subalternizado frente às relações desiguais de poder no espaço agrário.

Inspirado em trabalhos de campo realizados pelo autor durante sua trajetória profissional no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, o romance estabelece diálogos entre as especificidades do lugar onde ocorre a trama – uma fazenda na Chapada Diamantina, na Bahia – e a estruturação política e territorial brasileira, na medida em que, embora ficcional, está pautado na história de luta e resistência de populações quilombolas. Diante do exposto, a obra de Vieira Junior apresenta-se como fundamental leitura para a compreensão das dimensões socioespaciais da vida das comunidades rurais, entremeadas nos cotidianos marcados por contradições e resistências, a partir do discurso e da vida de mulheres camponesas; negras e quilombolas; e encarnadas e encantadas.

IZABELLA DE OLIVEIRA RODRIGUES - Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: izabelladeoliveirarodrigues@gmail.com